

Trabalhar bem, trabalhar por amor (9): Cruz e ressurreição no trabalho

«Queres de verdade ser santo? – Cumpre o pequeno dever de cada momento: faz o que deves e está no que fazes». Assim resumia S. Josemaria o caminho que se deve seguir para santificar o trabalho diário. Reproduzimos um novo artigo da série sobre o trabalho.

09/11/2013

Com a luz recebida de Deus, S. Josemaria compreendeu profundamente o sentido do trabalho na vida do cristão, chamado a identificar-se com Cristo no meio do mundo. Os anos de Jesus em Nazaré apresentavam-se-lhe cheios de significado ao considerar que, em Suas mãos, «o trabalho, e um trabalho profissional semelhante àquele que desenvolvem milhões de homens no mundo, se converte em tarefa divina, em trabalho redentor, em caminho de salvação»[1].

A consciência de que o cristão, pelo batismo, é filho de Deus e partícipe do sacerdócio de Jesus Cristo, levava-o a contemplar no trabalho de Jesus o modelo da nossa tarefa profissional. Um modelo vivo que se há-de plasmar em nós, e não

simplesmente um exemplo a imitar. Mais do que trabalhar como Cristo, o cristão está chamado a trabalhar em Cristo, unido vitalmente a Ele.

Portanto, interessa-nos contemplar com muita atenção a ocupação do Senhor em Nazaré. Não basta um olhar superficial. É preciso considerar a união da Sua tarefa diária com a entrega da Sua Vida na Cruz e com a Sua Ressurreição e Ascensão aos Céus, porque só assim poderemos descobrir que o Seu trabalho – e o nosso, na medida em que estamos unidos a Ele – é redentor e santificador.

Em Nazaré e no Calvário

O homem foi criado para amar a Deus, e o amor manifesta-se no cumprimento da Sua Vontade, com obediência de filhos. Mas o homem desobedeceu desde o início, e pela desobediência, entraram a dor e a morte no mundo. O Filho de Deus

assumiu a nossa natureza para reparar todo o pecado, obedecendo perfeitamente à Vontade divina com a Sua vontade humana. *Pois como pela desobediência de um só homem todos foram constituídos pecadores, assim também pela obediência de um só todos serão constituídos justos* (Rom 5, 19).

O Sacrifício do Calvário é o culminar da obediência de Cristo ao Pai: *fez-se obediente até a morte, e morte de cruz* (Fil 2, 8). Ao aceitar livremente a dor e a morte, o que há de mais contrário ao desejo natural da vontade humana, Cristo manifestou de modo supremo que não veio para fazer a Sua vontade, mas sim a Vontade d'Aquele que O enviou (Jo 6, 38; Lc 22, 42). Mas a entrega do Senhor na Sua Paixão e morte na Cruz não é um acto isolado de obediência por Amor. É a expressão suprema de uma obediência plena e absoluta, que esteve presente ao longo de toda a

Sua vida, com manifestações diversas em cada momento: *Eis que venho, ó Deus, para fazer a Tua Vontade!* (Heb 10, 7; Sal 40 8-9).

Aos doze anos, quando Maria e José O encontram entre os doutores no Templo depois de três dias de busca, Jesus responde-lhes: *Não sabíeis que devia estar na casa de Meu Pai* (Lc 2, 49)? O Evangelho não menciona mais nada da Sua vida oculta, diz apenas que obedecia a José e a Maria – *era-lhes submisso* (Lc 2, 51) – e que trabalhava: era *o carpinteiro* (Mc 6, 3; Mt 13, 55).

No entanto, as palavras de Jesus no Templo iluminam os anos de Nazaré. Indicam que, quando obedecia a Seus pais, e quando trabalhava estava *nas coisas de Seu Pai*, cumpria a Vontade divina. E assim como ao ficar no Templo não se recusou a sofrer durante três dias – três, como no Tríduo Pascal –, porque conhecia

o sofrimento dos Seus pais, que O procuravam aflitos, também não recusou as dificuldades que trazia consigo o cumprimento do dever no trabalho e em toda a vida quotidiana.

A obediência de Nazaré não era uma obediência menor, mas a mesma disposição interior que O levou a dar a vida no Calvário. Uma obediência com todas as energias humanas, uma identificação plena com a Vontade divina em cada momento. No Calvário, Ele manifestou-a derramando todo o Seu Sangue; em Nazaré, entregando-o dia a dia, gota a gota, no trabalho de artesão que constrói instrumentos para o cultivo do campo e úteis para as casas.

«Era o *faber, filius Mariae*, o carpinteiro, filho de Maria (Mc 6, 3). E era Deus; e estava a realizar a redenção do género humano e a atrair a Si todas as coisas (Jo 12, 32)»[2]. Não é possível entender o

valor redentor da vida de Jesus se a separamos da Cruz, se não compreendemos que no trabalho ordinário, cumpria perfeitamente a Vontade de Deus Pai, por Amor, com a disposição de consumar a Sua obediência no Calvário.

Por isso mesmo, quando chega o momento supremo do Gólgota, o Senhor oferece toda a Sua vida, também o trabalho de Nazaré; a Cruz é a última pedra da Sua obediência. Como a chave de um arco numa catedral; aquela pedra que não só se apoia nas outras mas também mantém com o seu peso a coesão de todas. Assim também o cumprimento da Vontade divina na vida ordinária de Jesus possui toda a força da obediência da Cruz; e ao mesmo tempo culmina nesta, sustenta-a, e por meio dela se eleva ao Pai em sacrifício redentor por todos os homens.

Cumprimento do dever

Se alguém quiser vir após Mim, negue-se a si mesmo, tome a sua cruz dia após dia e siga-Me (Lc 9, 23). Seguir a Cristo no trabalho diário é cumprir aí a Vontade divina com a mesma obediência de Cristo: *usque ad mortem*, até a morte (Fil 2, 8). Isso não significa apenas que o cristão deva estar disposto a antes morrer que pecar. É muito mais. Em cada momento, tem de procurar morrer para a sua própria vontade, entregando o que há de próprio no seu querer para fazer a Vontade de Deus.

Na Sua vontade humana, Jesus tem como algo próprio as inclinações boas e retas da nossa natureza, e oferece-as ao Pai no Horto das Oliveiras quando reza: *não se faça a Minha vontade mas a Tua* (Lc 22, 42). Em nós, no entanto, a vontade própria é também egoísmo, o amor

desordenado a nós mesmos. Isso, o Senhor não trazia dentro de Si, mas tomou sobre os ombros na Cruz para nos redimir. Da nossa parte, com a graça, podemos oferecer a Deus a luta por amor contra o egoísmo que, esse sim, se alberga nos nossos corações. Para nos identificarmos com a Vontade divina, cada um tem que chegar a dizer como S. Paulo: *estou crucificado com Cristo* (Gal 2, 19). «É preciso dar-se totalmente, é necessário negar-se a si próprio; o sacrifício tem que ser holocausto»[3]. Não se trata de prescindir de ideias e de projetos nobres, mas de ordená-los sempre ao cumprimento da Vontade de Deus. Ele quer que façamos render os talentos que nos concedeu. A obediência e o sacrifício da própria vontade no trabalho consistem em realizá-lo para a Glória de Deus e para o serviço dos outros, não por vanglória e interesse próprio.

E como quer Deus que usemos os nossos talentos? Que temos de fazer para cumprir a Sua Vontade no nosso trabalho? Podemos responder à pergunta de maneira breve, desde que entendamos bem tudo o que a resposta implica: Deus quer que cumprimos o nosso dever. «Queres de verdade ser santo? – Cumpre o pequeno dever de cada momento: faz o que deves e está no que fazes»[4].

A Vontade de Deus manifesta-se nos deveres da vida ordinária. Pela sua natureza, o cumprimento do dever exige submeter a própria vontade ao que se deve fazer, e isso é constitutivo da obediência de um filho de Deus. É não ter como norma suprema de conduta o próprio gosto, ou as inclinações, ou o que agrada, mas sim o que Deus quer: que cumprimos nossos deveres.

Quais? O próprio trabalho é um dever assinalado por Deus desde o

princípio, e por isso devemos começar lutando contra a preguiça. Depois, esse dever geral concretiza-se para cada um na profissão que realiza – de acordo com a sua vocação profissional, que faz parte da vocação divina[5]–, com obrigações específicas. Entre elas, as exigências gerais de ética profissional, fundamentais na vida cristã, e outras que derivam das circunstâncias de cada um.

O cumprimento desses deveres é a Vontade de Deus, porque Ele cria o homem para que este, trabalhando, aperfeiçoe a criação[6]; e isso supõe, no caso dos fiéis correntes, realizar as actividades temporais com perfeição, de acordo com as suas leis próprias, e para o bem das pessoas, da família e da sociedade; bem que se descobre com a razão e, de modo mais seguro e pleno, com a razão iluminada pela fé viva, *a fé que opera pela caridade* (Mc 6, 3). Comportar-se

assim, realizando a Vontade de Deus, é ter boa vontade. Nalgumas ocasiões, isso pode exigir heroísmo, e certamente requer sempre heroísmo no cuidado das coisas pequenas de cada dia. Um heroísmo que Deus abençoa com a paz e a alegria do coração: *paz na terra aos homens de boa vontade* (Lc 2, 14); os mandamentos do Senhor alegam o coração [Sal 19(18), 9].

O ideal cristão de cumprimento do dever não é o da pessoa cumpridora que desempenha estritamente as suas obrigações de justiça. Um filho de Deus tem um conceito muito mais amplo e profundo do dever. Considera que o próprio amor é o primeiro dever, o primeiro mandamento da Vontade divina. Por isso, procura cumprir por amor e com amor os deveres profissionais de justiça; mais ainda, excede-se nesses deveres, sem considerar que está a exceder-se no dever, porque Jesus

Cristo entregou a Sua vida por nós. Por ser este amor – a caridade dos filhos de Deus – a essência da santidade, comprehende-se que S. Josemaria ensine que ser santo se resume a cumprir o dever de cada momento.

O valor do esforço e da fadiga

«O trabalho em si não é uma pena nem uma maldição ou um castigo; aqueles que falam assim não leram bem a Sagrada Escritura»[7]. Deus criou o homem para que lavrasse e cuidasse da terra[8], e somente depois do pecado original lhe disse: *com o suor do teu rosto comerás o pão* (Gen 3, 19). A pena do pecado é a fadiga que acompanha o trabalho, não o trabalho em si mesmo, e a Sabedoria divina converteu essa pena em instrumento de redenção. Assumi-la é, para nós, parte integrante da obediência à Vontade

de Deus. Obediência redentora, no cumprimento diário do dever.

Com mentalidade plenamente laical, exercitais esse espírito sacerdotal ao oferecer a Deus o trabalho, o descanso, a alegria e as contrariedades da jornada, os vossos corpos rendidos pelo esforço do serviço constante. Tudo isto é hóstia viva, santa, agradável a Deus; este é o culto racional que Lhe deveis prestar (Rom 12, 1)[9].

Um cristão não evita o sacrifício no trabalho, não se irrita perante o esforço, não deixa de cumprir o seu dever por desânimo ou para não se cansar. Vê a Cruz de Cristo nas dificuldades e ela dá sentido redentor à sua tarefa, a cruz que «pede uns ombros que a carreguem»[10]. Por isso o fundador do Opus Dei dá um conselho de comprovada eficácia:

Antes de começares a trabalhar, põe sobre a tua mesa, ou junto dos utensílios do teu trabalho, um crucifixo. De quando em quando, lança-lhe um olhar... Quando chegar a fadiga, hão de fugir-te os olhos para Jesus, e acharás nova força para prosseguires no teu empenho[11].

Um filho de Deus também não se deixa abater pelos fracassos, nem deposita toda a sua esperança e complacência nos triunfos humanos. O valor redentor do seu trabalho não depende das vitórias terrenas, mas sim do cumprimento amoroso da Vontade de Deus. Não se esquece de que Jesus cumpre em Nazaré a Vontade divina trabalhandoativamente, mas que é na Cruz que consuma a Sua obediência, padecendo. O ápice do *Não se faça a minha vontade mas a Tua* (Lc 22, 42) não consiste em realizar tal ou qual projeto humano, mas sim em padecer até à morte, com um

abandono absoluto no seu Pai Deus (Lc 23, 46; Mt 27, 46). Por isso temos de compreender que, mais do que com aquilo que *fazemos* – ou seja, com os nossos trabalhos e iniciativas –, podemos corredimir com Cristo por aquilo que *padecemos* quando Deus permite que o jugo suave e a carga leve da Cruz (Mt 11, 30) em nossa vida se faça mais patente.

S. Josemaria ensina-nos esta lição de santidade em que transparece a sua própria experiência. Mas não esqueçamos que estar com Jesus é, certamente, deparar com a Sua Cruz. Quando nos abandonamos nas mãos de Deus, é frequente que Ele permita que saboreemos a dor, a solidão, as contradições, as calúnias, as difamações, os escárnios, por dentro e por fora; porque quer moldar-nos à Sua imagem e semelhança, e tolera também que nos chamem loucos e que nos tomem por néscios. É a hora

de amar a mortificação passiva
[...][12].

E nesses tempos de purificação passiva, penosos, fortes, de lágrimas doces e amargas que procuramos esconder, precisamos de meter-nos dentro de cada uma das Chagas Santíssimas; para nos purificarmos, para nos deliciarmos com o Sangue redentor, para nos fortalecermos. Faremos como as pombas que, no dizer da Escritura, se abrigam nas fendas dos rochedos durante a tempestade (Cant 2, 14). Ocultamo-nos nesse refúgio para encontrar a intimidade de Cristo, e sabemos que a Sua voz é suave e gracioso o Seu Rosto (Cant 2, 14)[13].

A luz da Ressurreição

Depois de escrever que Jesus Cristo se fez *obediente até a morte, e morte de cruz* (Fil 2, 8), São Paulo prossegue: *E por isso Deus O exaltou* (Fil 2, 9). A exaltação do Senhor, a

Sua Ressurreição e Ascensão aos Céus, *onde está sentado à direita de Deus Pai* (1 Pe 3, 22; Mt 26, 64; Heb 1, 13; 10, 12), são inseparáveis da Sua obediência na Cruz e com ela lançam uma intensa luz sobre o trabalho de Jesus em Nazaré e sobre o nosso trabalho quotidiano.

A vida de Jesus em Nazaré é humana e divina e não apenas humana, vida do Filho de Deus feito homem. Ainda que só depois da Ressurreição seja vida imortal e gloriosa, já na Transfiguração manifestará por um momento uma glória oculta durante os anos na oficina de José. Aquele a quem vemos trabalhar como carpinteiro, cumprindo o Seu dever com suor e fadiga, é o Filho de Deus feito homem, *cheio de Graça e de Verdade*, que vive na Sua Humanidade Santíssima uma vida nova, sobrenatural: a vida segundo o Espírito Santo. Aquele que vemos submeter-Se às exigências do

trabalho e obedecer a quem tem autoridade, na família e na sociedade, para obedecer assim à Vontade divina, é O que vemos ascender aos Céus com poder e majestade, como Rei e Senhor do Universo. A Sua Ressurreição e Ascensão aos Céus permitem-nos contemplar o trabalho, a obediência e as fadigas de Nazaré como um sacrifício custoso, mas nunca obscuro ou triste, e sim luminoso e triunfante como uma nova criação.

Assim como Cristo ressuscitou dos mortos mediante a Glória do Pai, assim caminhemos nós também numa vida nova (Rom 6, 4). Também nós podemos viver no meio da rua endeusados, na intimidade de Jesus o dia todo[14], porque Deus, ainda que estivéssemos de facto mortos pelos nossos pecados, deu-nos a Vida em Cristo. É pela Graça que fostes salvos. Com Ele nos ressuscitou e nos fez sentar lá nos céus, em Cristo Jesus (Ef

2, 5-6). Deus exaltou a Humanidade Santíssima de Jesus Cristo pela Sua obediência, para que nós vivamos essa vida nova, guiada pelo Amor de Deus, morrendo para o amor próprio desordenado. *Se, pois, ressuscitastes com Cristo, buscai as coisas do alto, onde Cristo está sentado à direita de Deus. Afeiçoai-vos às coisas lá de cima e não às da terra. Porque estais mortos e a vossa vida está escondida com Cristo em Deus* (Col 3, 1-3).

Se no trabalho cumprimos os nossos deveres por amor e com amor à Vontade divina, custe o que custar, Deus exalta-nos com Cristo. Não só no final dos tempos, já agora nos concede por penhor o Seu Espírito (2 Cor 1, 22; 5, 5; Ef 1, 14). Graças ao Paráclito, o nosso trabalho converte-se em algo santo, nós mesmos somos santificados, e o mundo começa a ser renovado.

«E graças à luz que, emanando da Ressurreição do mesmo Cristo, penetra dentro de nós, descobrimos sempre no trabalho um *vislumbre* da vida nova, do *novo bem*, um como que anúncio dos *novos céus e da nova terra* (2 Pe 3, 13), os quais são participados pelo homem e pelo mundo. [...] Patenteia-se nesta cruz, no que nela há de penoso, um bem novo, o qual tem o seu princípio no mesmo trabalho»[15].

Com a obediência da cruz e a alegria da Ressurreição – a nova vida sobrenatural –, no cumprimento amoroso da Vontade de Deus no trabalho, há-de estar presente o senhorio da Ascensão. Recebemos o mundo por herança, para plasmar em todas as realidades temporais o querer de Deus. *Todas as coisas são vossas, vós sois de Cristo e Cristo de Deus* (1 Cor 3, 22-23).

Essa é a fibra do amor redentor de um filho de Deus, o tom inconfundível do seu trabalho.

Ocupa-te dos teus deveres profissionais por Amor; leva a cabo todas as coisas por Amor, insisto, e verificarás – precisamente porque amas, ainda que saboreies a amargura da incompreensão, da injustiça, do desagradecimento e até do próprio fracasso humano – as maravilhas que o teu trabalho produz. Frutos saborosos, sementes de eternidade![16]

«Em união com o sacrifício da Missa»

O sacrifício da Cruz, a Ressurreição e a Ascensão do Senhor aos Céus constituem a unidade do Mistério Pascal, passagem da vida temporal à eterna. O trabalho de Cristo em Nazaré é redentor e santificador pela unidade com esse mistério.

Essa realidade reflete-se na vida dos filhos de Deus graças à Santa Missa, que «não só torna presente o mistério da paixão e morte do Salvador mas também o mistério da ressurreição»[17]. «Este sacrifício é tão decisivo para a salvação do género humano que Jesus Cristo realizou-o e só voltou ao Pai *depois de nos ter deixado o meio para nele participarmos*, como se tivéssemos estado presentes»[18].

Graças à Eucaristia, podemos fazer com que o nosso trabalho esteja impregnado de obediência até à morte, pela nova vida da Ressurreição e pelo domínio que temos sobre todas as coisas através da Ascensão de Jesus como Senhor dos Céus e da terra. Não somente oferecemos o nosso trabalho na Missa como também podemos converter o nosso trabalho em eucaristia.

Todas as obras dos homens se fazem como num altar, e cada um de vós, nessa união de almas contemplativas que é a vossa jornada, diz de algum modo a sua missa, que dura vinte e quatro horas, na espera da missa seguinte, que durará outras vinte e quatro horas, e assim até ao fim da nossa vida[19].

Assim somos no nosso trabalho «outros Cristos, o próprio Cristo»[20].

[1] Josemaria Escrivá, *Temas Atuais do Cristianismo*, n.º 55.

[2] Josemaria Escrivá, *Cristo que passa*, n.º 14.

[3] Josemaria Escrivá, *Caminho*, n.º 186.

[4] *Ibidem*, n.º 815.

[5] Josemaria Escrivá, *Temas Atuais do Cristianismo*, n.º 60.

[6] *Catecismo da Igreja Católica*, n.º 302.

[7] Josemaria Escrivá, *Cristo que passa*, n.º 47.

[8] Gen 2, 15.

[9] S. Josemaria Escrivá, *Carta*, 6.5.1945, n.º 27.

[10] Josemaria Escrivá, *Caminho*, n.º 277.

[11] Josemaria Escrivá, *Via Sacra*, , XI estação, ponto 5.

[12] Josemaria Escrivá, *Amigos de Deus*, n.º 301

[13] *Idem*, n.º 302.

[14] Josemaria Escrivá, *Cristo que passa*, n.º 8.

[15] S. João Paulo II, *Laborem exercens*, n.º 27.

[16] Josemaria Escrivá, *Amigos de Deus*, n.º 68.

[17] S. João Paulo II, *Ecclesia de Eucharistia*, 17.4.2003, n.º 14.

[18] *Ibidem*, n.º 11.

[19] *Notas de uma meditação*, 19.3.1968, citado por D. Javier Echevarría, *Carta Pastoral*, 1.11.2009.

[20] Josemaria Escrivá, *Cristo que passa*, n.º 106.

Foto: José María Moreno
